ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

DA CARTOGRAFIA AFETIVA À ANÁLISE URBANA: Olhares fenomenológicos sobre a Rua Halfeld

Autores:
Carlos Eduardo Ribeiro Silveira - UFJF - carloseduardo.ribeiro@ufjf.edu.br
Fernanda Silva Freitas - UFJF - fernanda.freitas@arquitetura.ufjf.br
Mariana Mendonça de Mattos - UFJF - mattos.mariana@hotmail.com

Resumo:

O ato de absorver a poética latente nos espaços traz consigo uma inquietação que ecoa nos seres projetantes, à maneira de um impulso inerente de criação. A proposta central deste devaneio imaginário é a incorporação e uso dos espaços urbanos visando à produção de intervenções artísticas, reivindicando a cidade como espaço para a arte. A imbricação do uso dos espaços públicos com os elementos teóricos próprios da fenomenologia é a ferramenta chave para a abertura desse portal. A cartografia que abriga essas experimentações é a cidade de Juiz de Fora, mais especificamente a Rua Halfeld, graças ao seu forte caráter simbólico, sua importância histórica e seu inegável papel como agente mnemônico.

DA CARTOGRAFIA AFETIVA À ANÁLISE URBANA:

Olhares fenomenológicos sobre a Rua Halfeld

INTRODUÇÃO

A proposta central contida neste artigo é lançar luzes sobre algumas ferramentas com grande potencial de aplicabilidade em relação à metodologia de análise e projetos urbanos. Tais instrumentos baseiam-se, em grande parte, nas teorias que tratam desde a cartografia afetiva até as possiblidades de devaneio imaginário, favorecendo a investigação do uso dos espaços urbanos, reivindicando a cidade como espaço para a arte. Tem-se a fenomenologia como ferramenta chave para a abertura desse portal.

Para compor este artigo, julgou-se necessário abordar questões teóricas voltadas para o estudo das percepções urbana, ambiental e também referentes à arquitetura. Nesta estrutura, torna-se possível ampliar o entendimento da temática própria dos estudos sobre percepção, destacando conceitos como *genius loci*, "espaço" e "lugar" dentro da perspectiva da percepção ambiental, unindo-se à experiência individual de inserção na paisagem urbana. Para explicar as diversas faces de um espaço, bem como suas múltiplas interpretações serão utilizadas definições dadas por Gaston Bachelard (1998) e Christian Norberg-Schulz (2006).

A cartografia que abriga essas experimentações é a cidade de Juiz de Fora, mais especificamente a Rua Halfeld, graças ao seu forte caráter simbólico, sua importância histórica e seu inegável papel como agente mnemônico. Busca-se, num segundo momento deste ensaio, propor a transformação de elementos de uma via ordinária da cidade de Juiz de Fora em possíveis suportes de manifestações artísticas locais. Propõem-se uma promenade sensibilizadora para ancorar uma proposta projetual que se dará através de objetos cênicos/arquitetônicos que dialoguem diretamente com aquele espaço, coroando o percurso através da via.

ENTENDENDO O MEIO URBANO COMO LUGAR

"Espaço" e "lugar" são termos distintos que muitas vezes são utilizados para explicar as mesmas coisas. Pretende-se aqui entender cada um desses termos, apontando convergências e divergências para que a inserção do indivíduo no mundo seja compreendida a partir da sua experiência no meio urbano e sua consciência como ser que habita.

Michel de Certeau (1990) coloca os termos "espaço" e "lugar" lado a lado, os diferenciando através de um campo. Para o autor, lugar é uma configuração de posicionamento que implica coexistência e estabilidade. Há uma certa individualidade e

logo, uma facilidade identitária, na sua definição de lugar, visto que Certeau afirma que essa definição tornaria falsa a afirmação de que duas coisas poderiam ocupar o mesmo lugar.

Já em relação a espaço, Certeau adiciona algumas variáveis como "tempo", "velocidade" e "direção", afinal, para o autor o espaço seria definido pelo deslocamento de elementos móveis. O espaço seria, portanto, o resultado da mobilidade desses elementos. Por ser definido através do movimento de outros elementos, o espaço não possui a característica mais individual e identitária presente no lugar. "O espaço é um lugar praticado" (CERTEAU, 1990, p.202). É destacável a característica flexível dos dois termos para Certeau. De acordo com o autor é a experiência do indivíduo que caracteriza um espaço ou lugar, isto é, um espaço poder ser transformado em lugar e vice-versa a partir da experiência e relato de um indivíduo que nele foi inserido. Sobre relatos, Certeau enxerga um valor espacial de grande relevância nas estruturas narrativas, pois, é através das experiências relatadas (ou narrativas) que se definem espaços e lugares.

Gaston Bachelard (1998) não se aprofunda na definição dos termos como são, pois busca no "espaço" uma dimensão poética, de devaneio e imaginária. É através dessa esfera poética e afetiva que o autor define os valores do espaço para a experiência e vivência do indivíduo. O espaço aqui se dá como a base do devaneio e da imaginação; segundo o autor, quando é habitado, todo espaço traduz uma ideia de casa, e logo, de identidade e estabilidade.

Ainda imersos no espaço poético, Bachelard utiliza a expressão "espaços louvados", ou seja, são espaços que traduzem tempos felizes. Esses devem ser analisados também sob o olhar da percepção e topofilia, que são refletidos nas cartografias afetivas. Porém, mais importante que isso, os espaços louvados tem a intenção de determinar os valores humanos nos espaços em que os mesmos encontram identidade, os "espaços amados", vividos.

Schulz (apud. CRUZ, 2006) tem o lugar como a expressão da experiência e identidade humana, que se apoia no sentimento de pertencimento encontrado pelo indivíduo. Bebendo um pouco nos devaneios de Bachelard, Norberg-Schulz também enxerga no lugar uma dimensão existencial que ultrapassa os limites físicos e geográficos, alcançando, também, o psicológico humano. Sendo assim, o lugar diz muito sobre essência e os elementos que a compõem, como cores, texturas e formas que tem extrema importância na formação do lugar para o indivíduo. Os elementos físicos citados que impactam na percepção humana acabam por se comunicar de maneira afetiva e qualitativa com o indivíduo e o lugar.

> "Ou seja, a sensação causada pelo espaço define seu caráter, em um tempo determinado, assim como os elementos que fisicamente proporcionam esta sensação. Por isso sua interpretação não pode resumir-se em análises meramente positivistas, mas deve deixar-se impregnar pelas nuances que sensibilizam nossa apreensão deste lugar, naquele determinado momento." (CRUZ, 2006, p.28)

No trecho acima, o espaço significa a organização dos elementos que formam o lugar dentro da tridimensionalidade, enquanto o caráter remete à atmosfera que abrange o lugar, isto é, aquilo que é apreendido e sentido pelo indivíduo. Com isso, o caráter de um lugar pode estar em constante mudança em função do tempo, da luz e do clima (NESBITT, 2013).

FENOMENOLOGIA COMO SUPORTE DE ANÁLISE URBANA E PAISAGÍSTICA

Como uma das principais ferramentas para entender a cidade e seus desdobramentos, foram adotados alguns conceitos próprios da fenomenologia, buscando apreender como esses podem ser incorporados aos estudos de arquitetura e urbanismo. Neste sentido, a fenomenologia tem como tarefa desvendar os fenômenos implícitos nas relações intencionais que os seres humanos vivem no seu cotidiano com seus pares e, deste modo, relacionando os usuários com a cidade. Como uma forma diferente de perceber as coisas, saindo do que é cotidiano e da indiferença do dia a dia, possibilitando que determinado objeto possa saltar aos olhos dos diferentes observadores.

A fenomenologia foi estabelecida pelo filósofo alemão Edmund Husserl e tem como objeto de estudo o fenômeno, ou seja, as coisas como elas são e não o que é dito sobre elas. Este tema surgiu na filosofia, estabelecendo como um dos principais focos a relação entre a consciência do saber humano e o mundo exterior a ela. Neste texto, busca-se a interpretação do mundo através da consciência do sujeito, baseada nas próprias experiências. É um olhar que procura recuperar a ingenuidade de uma criança na forma em que esta se relaciona com o mundo sensorial, sem ter a imposição de preconceitos, pressuposições e significados prévios. Isso é o que Husserl denomina de método fenomenológico, que consiste em estudar o fenômeno tal como o sujeito o percebe, sem interferências de outras observações, permitindo a abstração da realidade e o estudo do fenômeno em si, da maneira que o observador o vê. Seu intuito é desnudar "o mistério do mundo e o mistério da razão", como afirmou Merleau-Ponty, no prefácio da "Fenomenologia da Percepção" (1994).

A tradição fenomenológica busca estudar as estruturas da consciência do ponto de vista da primeira pessoa. Ela tenta, portanto, desvendar quais são os limites do conhecimento sobre o fenômeno. É um estudo sistemático das figuras fenomenais, daquilo que pode ser percebido. É um tipo de análise que pretende compreender melhor as estruturas centrais da experiência e da intencionalidade humana, explicando como a mente direciona o pensamento a determinados objetos ou à realidade.

Como ciência dos fenômenos puros, cabe à fenomenologia o mundo que é percebido pela experiência imediata. Isso quer dizer que a consciência não é passiva. Ela não compreende a existência das coisas como algo pronto e acabado, mas participando da existência desses objetos. Para os estudiosos da fenomenologia, só existe objeto se existe também um sujeito para percebê-lo. Por exemplo, se uma árvore cai em um bosque e não há testemunhas desse fato, então é como se ela nunca tivesse existido. Merleau-Ponty afirma que a fenomenologia só é acessível a um método fenomenológico, e existe, como movimento, antes mesmo de alcançar uma inteira consciência filosófica. O pensar fenomenológico é metodológico e não possui um fim em si mesmo, pois sua função é a de abrir as portas para uma nova compreensão do mundo.

Nas palavras de Merleau-Ponty (1994, p. 521)

> "A linguagem nos ultrapassa, não apenas porque o uso da fala sempre supõe um grande número de pensamentos que não são atuais e que cada palavra resume, mas ainda por uma outra razão, mais profunda: a saber, porque esses pensamentos, em sua atualidade, jamais foram 'puros pensamentos', porque neles já havia excesso do significado sobre o significante e o mesmo esforço do pensamento pensado para igualar o pensamento pensante, a mesma junção provisória entre um e outro que faz todo o mistério da expressão."

Com a mesma linha de pensamento, surge Jung – que não intitula o seu trabalho como sendo fenomenológico; porém, várias das passagens de seus livros contém uma semelhança a esse pensamento. Para Jung, manter uma postura fenomenológica significava valorizar a experiência, compreendida como a experiência vivida pelo indivíduo. O processo de observação do fenômeno não é, para Jung, algo independente da atividade cognoscitiva do sujeito. Todo o conhecimento, seja ele geral ou psicológico, é sempre determinado pela psique, ou seja, influenciado pelos fatores subjetivos e pelas equações pessoais.

Percebe-se, em Merleau-Ponty, que a teoria do conhecimento da fenomenologia tem pontos de aproximação com as formulações de Jung:

> "Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda." (1994, p. 3)

O francês Gaston Bachelard postulou a imaginação como elo entre o homem e o mundo, competindo ao método fenomenológico definir o real viés da imagem em face da percepção. Essa argumentação evidencia a relevância da função criativa da psique, que raciocina imageticamente. Para Jung, o equivalente racional mais próximo à atividade psíquica é a analogia ou a metáfora. O foco terapêutico que se estabelece, por consequência, está na textura metafórica das coisas e imagens que produzem uma riqueza de insights psicológicos.

A imaginação e a vontade são para ambos os autores as duas principais funções psíquicas. Enquanto a tradição filosófica racionalista sempre priorizou a imaginação reprodutora, em que a imagem seria um resíduo do objeto percebido retido na memória, portanto apenas uma reprodução da realidade, constituído de ideias feitas e acabadas que justificam o mundo tal como ele parece ser, um mundo de ilusões, Bachelard aprofundou suas reflexões acerca da imaginação no sentido contrário: opôs-se aos preconceitos e à prevenção; trabalhou com a noção de imaginação criadora, que traz as sementes das transformações. O homem por ele concebido é o 'homem criador', instaurador de novas realidades, cuja fonte é a imaginação criadora, a essência do espírito humano, que de modo dinâmico o torna capaz de produzir tanto ciência quanto arte, ou seja, o pensamento e o sonho. Em Bachelard, a imaginação criadora une os dois mundos. Nessas diferentes faces da

capacidade de criar a experiência psicológica está presente sob a direção do imaginário. Concebe a imaginação como fonte, como o que impulsiona o pensamento e o faz dinâmico, criando o novo como um grande susto, numa instantaneidade.

CARTOGRAFIAS AFETIVAS COMO FERRAMENTAS DE APLICAÇÃO *IN LOCO*

A cartografia é uma ferramenta comum no ramo da Geografia, porém, neste trabalho ela ganha um olhar mais sensível para buscar entender traços subjetivos e simbólicos do meio urbano. Os aspectos educacionais dessa prática tem se destacado como uma maneira eficiente e de ampla contribuição tanto para a comunidade como para o pesquisador que se propõe a lançar mão de tal técnica que busca registrar e entender outros aspectos que compõe as camadas sensoriais de um lugar. Com isso, tem-se como cartografia afetiva, a reunião de entrevistas, depoimentos, desenhos e informações cedidas por pessoas inseridas no recorte estudado, em busca de informações que podem estar inseridas profundamente no ser e que só vem à tona a partir de um contato pessoal. Com isso, buscou-se referências em alguns estudos antropológicos para se estruturar melhor o contato externo entre pesquisador e objeto pesquisado.

Foi contribuição para a compreensão das “cartografias afetivas” a definição de outros termos afins, como a “cartografia sentimental” proposta por Suely Rolnik (2011). O termo “cartografia” é retirado do campo da geografia, onde cartografar significa registrar e acompanhar o desenvolvimento e mudanças da paisagem; portanto, para Rolnik “o cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago” (2011, p.23). Com essa característica antropofágica, o cartógrafo, e no caso pesquisado, o inventariante, não se prende a uma teoria específica e se coloca aberto a toda matéria que possa ser relevante para a formação do inventário. São bem-vindas toda e qualquer contribuição oral, escrita, informal ou formal que possam somar no material inventariado ou cartografado. Aqui; o cartógrafo é colocado como aquele que busca pontes e ligações entre linguagens e expressões daqueles que estão sendo cartografados através de uma sensibilidade do autor que pela convivência e vivência consegue interpretar e captar nuances na narrativa que podem fugir às análises superficiais.

Rolnik (2011) também sugere alguns “equipamentos básicos” (p.224) que devem acompanhar o trabalho do cartógrafo sentimental e que também foram, em partes, utilizadas na fase de coleta de dados desta pesquisa. A autora sugere diários de bordo e câmeras que possam registrar as atividades para que essas sejam analisadas posteriormente sem grandes perdas de informação. Também são sugeridos um critério, um princípio e uma regra, que se baseiam na intimidade e abertura que cada momento e indivíduo cede ao pesquisador. Finalmente, as características metodológicas utilizadas nas entrevistas serão detalhadas adiante.

Laila Sandroni e Bruno Tarin (2014) descrevem a cartografia afetiva como aquela que insere ainda mais o cartógrafo no meio em que pesquisa e cartografa, pois se torna também um objeto de cultura e investigação, buscando relações entre o objeto e os entrevistados e interpretando subjetividades dos discursos recolhidos. O estudo das cartografias geralmente está vinculado à confecção de mapas mentais pelos pesquisados. Essa dimensão não foi abordada neste trabalho, visto que não se mostrava pertinente ao discurso de memória

ferroviária e que a atual situação de conservação do objeto de estudo não permitiria a confecção de mapas mentais que se situassem na contemporaneidade.

Mapas mentais são desenhos feitos pela comunidade investigada que descreve, a partir das observações, interações e experiências do indivíduo, as características de maior identidade e referência a partir do olhar individual. Esses desenhos se tornam registros compostos por informações gerais, que não buscam a precisão geográfica, mas sim, a interpretação individual do espaço. É usual propor aos moradores que desenhem trajetos cotidianos, representando suas principais características, edifícios, vegetação, baseando-se em memórias existentes no seu consciente (DOS ANJOS JÚNIOR, 2017).

Esse tipo de instrumento é amplamente usado nos estudos sobre espaço, especialmente na área de avaliação pós-ocupação. Porém, neste trabalho, ele ganha novos significados, podendo exercer a função de instrumento de investigação e registro de afetos, que agregam significados e conhecimento à análise urbana. Kozel (2009) lança mão dessa ferramenta para entender o espaço geográfico, e aqui transpõe-se essa ferramenta em prol da manutenção da memória social. Ela investiga os aspectos filosóficos e as cargas emocionais que um lugar pode ter através de relatos de seus usuários e o recurso gráfico também utilizado, representado muitas vezes de maneira lúdica para melhor compreender questões espaciais, de paisagem e de memória.

> "Ele permite entender o processo no qual, a mente humana adquire, codifica, relembra, decodifica, as informações advindas do ambiente espacial, ou seja, a representação interna que o indivíduo faz relativamente ao ambiente que o cerca. É um instrumento, no qual as pessoas, são convidadas a ilustrar um espaço por meio de desenhos ou frases, com a finalidade de se conhecer a visão que elas têm do mesmo." (FERREIRA, 2006, p.6)

A interpretação dos mapas mentais envolve muito um olhar e compreensão do pesquisador, e é a partir dessa análise que consegue-se extrair traços de afetividade que somam à manutenção e preservação da memória social de uma comunidade. Essa análise também contribui para o entendimento do conceito de "espaço vivido", feito principalmente de percepções, signos, significados e construções socioculturais de um indivíduo ou de um grupo. (KOZEL, 2013)

Ou seja, quando o indivíduo se expressa através do desenho ali se deposita uma carga de subjetividade muito grande, que acaba por desvendar questões que fogem à fala ou à história oral. Suas referências e identidade vêm à tona através de traços, espessuras, contornos e cores que por si só determinam e dão valores e significados àquilo que possui maior ou menor importância para aquele indivíduo.

Definir um grupo de pesquisa é muito importante para uma análise mais assertiva, visto que diferentes grupos podem ter diferentes representações de um mesmo espaço. A pesquisa com crianças e idosos podem ter resultados distintos, mas que juntos complementam e ajudam na criação de uma visão mais ampla e global da identidade do lugar. O momento de confecção dos mapas e desenhos podem extrapolar a atividade em si e abarcar uma ação patrimonial local com um impacto ainda mais sobre a comunidade e sua reflexão sobre patrimônio material e imaterial.

ENSAIOS PROJETUAIS E A SENSIBILIZAÇÃO DOS USUÁRIOS DA CIDADE: O CASO DA RUA HALFELD

A intenção deste segmento do estudo aqui apresentado é demostrar a aplicabilidade da metodologia de projetos de espaços urbanos que vem sendo desenvolvida academicamente, tanto nas disciplinas, quanto em outros meios de pesquisa que visam ao entendimento das dinâmicas urbanas e do território, no âmbito da atuação no Curso de Arquitetura e Urbanismo, na UFJF. No caso do estudo da Rua Halfeld, em Juiz de Fora, Mattos (2017) buscou a sensibilização das pessoas de forma a conecta-las intimamente ao meio em que vivem, transformando todas as estradas, em caminhos e chamando a atenção para a complexidade e problemas da cidade. A rotina contemporânea vivida pela maioria das pessoas não é facilitadora de processos de encontro do indivíduo com ele mesmo. Como alguns dos mecanismos facilitadores das interações que envolvem a cidade e seus habitantes, foi imprescindível a utilização de recursos como a "cartografia afetiva", definições de "espaço, "lugar" e a incursão nos devaneios poéticos da fenomenologia.

Nesse panorama, usar a cidade como suporte, torna-se ferramenta essencial para o desenvolvimento humano através de ações artísticas nos espaços públicos. A arte, nessas circunstâncias, atua como agente facilitador que cria condições para o diálogo entre pessoas, desenvolvendo a conscientização, ou seja, o saber sobre si mesmo e sobre a coletividade. Além disso, também fomenta respostas criativas através de questionamentos, ou ainda vislumbra a novos ideais mostrando novas possibilidades de existência e reavaliando limites. A arte tem a capacidade de comunicar diretamente com a alma, produzindo situações impactantes que podem construir ou destruir quando há energia criadora. Tais situações podem facilitar o encontro com forças internas desconhecidas do indivíduo, que contribuem para que os usuários possam ir além do ponto onde poderiam chegar em situação corriqueira. As intervenções propostas pretendiam dar autonomia ao indivíduo e atribuir a ele responsabilidade sobre sua própria existência, ações e poder de escolha.

A primeira intervenção mostrou-se pertinente a partir de análises físicas e da paisagem natural da área escolhida para estudo. A ocupação do Morro do Imperador, pela própria topografia, encontra-se desconectada com todo o restante da cidade; entretanto, esse marco está fortemente conectado visualmente à cidade, mantendo uma visão de praticamente trezentos e sessenta graus com a mesma. Além do mais, no próprio mirante do Morro do Cristo, existem dois objetos arquitetônicos relevantes na história da cidade, que são o Monumento ao Cristo Redentor (1906) e a antena da antiga TV Industrial (1964). Desta maneira, a primeira proposta consiste na criação de uma intervenção de conexão visual com a cidade. Do alto, mostrando e ensinando um pouco sobre a cidade, gerando curiosidade e despertando desejo de caminhar pelas ruas e observar o que está em volta.

O percurso é tão importante quanto chegar ao destino. A vida contemporânea nos tira, vez ou outra, o gosto por caminhar e apreciar os lugares por onde passamos. A segunda proposta trabalha exatamente este percurso, convidando o pedestre a perceber por onde passa. Essa parte do conjunto de propostas, ao contrário das outras, baseia-se em instalações efêmeras e artísticas, como marcações no piso e projeções nas fachadas. A

vontade de estar, de pertencer, é um dos nortes para a proposta três, que acontece na Praça da Estação e em seu entorno. O conjunto da Praça da Estação engloba as edificações da rede ferroviária, o Museu Ferroviário, a Praça Dr. João Penido e seu casario. Nesta proposta, abarcou-se também o terreno próximo à Avenida Brasil, onde hoje funciona o Shopping Solar Center e os resíduos urbanos nas margens do Rio Paraibuna. É possível pensar na Rua Halfeld como um rio, que nasce aos pés do Morro do Imperador e deságua, quase sem forças, no Rio Paraibuna. Contudo, mesmo não se mostrando com todo seu vigor nos dias de hoje, enxerga-se, neste último trecho, elementos com grande potencial para se recuperar a cidade, aumentando as relações dos usuários com os espaços urbanos.

Usando os instrumentos oferecidos pela fenomenologia, o ensaio projetual surge como um desejo de abraçar esse espaço, enaltecendo-o e, ao mesmo tempo, criando uma intervenção que possibilite que o olhar do observador, sujeito errante e ator social, se volte para o Morro do Imperador, fechando o ciclo. Com a intenção de mínima intervenção, optou-se pela forma circular como elemento principal do ensaio. Tal forma possui um diâmetro de sessenta e cinco metros e está implantada sob o Rio Paraibuna, com sua base no terreno onde hoje existe o Shopping Solar Center, sendo interrompida pela passagem da Avenida Brasil.

A passarela sob o Rio Paraibuna finaliza esse conjunto de propostas para a cidade, buscando favorecer que esta seja mais atrativa para as pessoas. Sua tipologia remete a uma escultura que se relaciona com o ato de experimentar o entorno e fomentar a consciência da conexão entre a cidade e a paisagem. Ao caminhar pela passarela é possível perceber a mudança da paisagem quanto composição do espaço e, ao mesmo tempo, intensificar a interação social com outras pessoas que estão fazendo o mesmo caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto o trabalho teórico quanto o ensaio projetual de Mattos (2017) foram utilizados neste artigo a fim de exemplificar a metodologia de entendimento, representação e projeto de espaços e paisagens urbanas, cuja abordagem parta de lugares como fenomenologia, artes, literatura e outras plataformas que possibilitem a expressão do devaneio poético. Criação de intervenções e realidades imaginadas, mas que se tornam extremamente importantes na medida em que impregnam de valores espaços e objetos pertencentes à urbe. Buscou-se potencializar e ressignificar a pré-existência, as edificações de relevância histórica, os resíduos urbanos e os elementos da paisagem natural da cidade que compõe a Rua Halfeld e seu entorno imediato. A resposta, no nível do ensaio projetual, se deu com a intenção de reunir o maior número possível de elementos que nutrem o imaginário dos seres humanos, usuários da cidade, pensando nos produtos derivados do campo das Artes como agentes sensibilizadores e também como rebatimentos mais pertinentes para a interferência no espaço.

REFERÊNCIAS

ANJOS JUNIOR, E. S.; FREITAS, F. S.; FERREIRA, I. B.; CERQUEIRA, T. *Olhares sobre o Patrimônio Cultural de São José das Três Ilhas, Belmiro Braga/MG: o que nos dizem as crianças?*. In: I Simpósio Científico - ICOMOS Brasil, 2017, Belo Horizonte. Simpósio Científico - ICOMOS 2017, 2017. p. 3151-3169.

BACHELARD. Gaston. *A Poética do Espaço*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CERTEAU, Michel de. Relatos de Espaços. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

CORREA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CRUZ, Aline de Assis Andrade. *Lagoa de Todos os Olhares: Encantamento e Concepção no Projeto Urbano*. 2006. Dissertação de Mestrado em Urbanismo. PROURB-Universidade Federal do Rio de Janeiro. 129f.

FERREIRA, Clarice Sfair C. et al. Avaliação Pós-Ocupação em Ambiente Destinado à Educação Infantil: Uma Abordagem Multimétodos. In*: Anais do XI ENTAC*, 2006, p. 1124-1133.

KOZEL, Salete et al. Mapas mentais–uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S; SILVA, J. C; GIL FILHO, SF. *Da percepção a Cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanística*. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

KOZEL, Salete. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. In: *Geograficidade, v. 3, n. 1*, p. 58-70, 2013.

MATTOS, Mariana Mendonça. *Arquitetura efêmera, cenográfica e arte em intervenções urbanas: a arquitetura em forma de manifestação artística para tornar as cidades mais atrativas.* Monografia apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I, Juiz de Fora, 2017.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar (444 – 461). In: NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965 – 1995).* São Paulo: Cosac Naify, 2a. ed. rev., 2013.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011.

SANDRONI, Laila; TARIN, Bruno. *Limites e possibilidades da cartografia afetiva enquanto método de pesquisa nas ciências sociais*. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal/RN, Agosto de, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Invent%C3%A1rio%20pdf.pdf> - Acesso em 29 de julho de 2018